

O Clube  
P.S.   
Em te amo

CECELIA  
AHERN

Tradução  
Giu Alonso

  
Rio de Janeiro, 2020

Copyright © 2019 by Cecelia Ahern

All rights reserved.

Título original: *Postscript*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Thaís Carvas*

Revisão: *Thaís Lima*

Capa: *Holly Macdonald* © HarperCollinsPublishers Ltd 2019

Ilustrações de capa: *Shutterstock*

Adaptação de capa: *Guilherme Peres*

Diagramação e conversão para e-book: *Abreu's System*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A239c

Ahern, Cecelia

O clube P.S. eu te amo / Cecelia Ahern ; tradução Giu Alonso. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins, 2020.

Tradução de: *Postscript*

ISBN 9786555110357

I. Ficção irlandesa. I. Alonso, Giu. II. Título.

20-64885

CDD: 823.9915

CDU: 82-3(417)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollinsPublishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

# SUMARIO

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

Capítulo 7

Capítulo 8

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

Capítulo 11

[Capítulo 12](#)

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37  
Capítulo 38  
Capítulo 39  
Epílogo  
Agradecimentos  
Sobre a autora

Para os fãs de *P.S. Eu te amo* do mundo inteiro,  
com toda a minha gratidão.

## Prólogo

*Mire na lua, porque, mesmo se errar, vai acertar as estrelas.*

Essa frase está escrita na lápide do meu marido. Era algo que ele falava muito. Seu tom de voz, sempre otimista e animado, transbordava frases positivas de autoajuda como se elas fossem o combustível da vida. Palavras de apoio como aquelas não tinham efeito em mim até ele morrer. Foi só quando ele me disse aquilo bem ali, na lápide, que eu realmente ouvi, senti, acreditei nas palavras. Me agarrei a elas.

Por um ano inteiro depois da sua morte, meu marido, Gerry, continuou vivo ao me dar o presente das suas palavras em cartas que vinham de surpresa todo mês. Suas palavras eram tudo que eu tinha; não mais faladas, mas ainda assim *palavras*, escritas a partir dos seus pensamentos, da sua mente, de um cérebro que controlava um corpo com um coração batendo. Palavras significavam vida. E me agarrei a elas, segurando com força aquelas cartas até as mãos ficarem brancas e as unhas marcarem as minhas palmas. Eu me agarrei a elas como se fossem um colete salva-vidas.

São sete da noite do dia 1º de abril, e estou aproveitando o clima mais ameno dos últimos tempos. As noites estão mais curtas, e o vento frio e cortante do inverno está se transformando na brisa da primavera. Antigamente eu temia essa época do ano; preferia o inverno, quando tudo era um esconderijo. A escuridão me fazia sentir como se estivesse protegida atrás de uma gaze, fora de foco, quase invisível. Eu gostava daquilo, celebrava os dias curtos, as noites longas; o céu escuro, minha contagem regressiva para uma

hibernação aceitável. Agora eu encaro a luz, preciso dela para evitar ser sugada de novo.

Minha metamorfose foi similar ao choque repentino que o corpo sente ao mergulhar em água fria. Após o impacto, há a vontade incontrolável de gritar e pular, mas, quanto mais tempo você permanece submerso, mais se acostuma. O frio, como a escuridão, pode se transformar em um enganoso conforto do qual você nunca quer sair. Mas foi o que fiz; bati as pernas e nadei, me lançando para a superfície. Emergindo, com os lábios roxos e os dentes batendo, descongelei e voltei para o mundo.

Fazendo a transição do dia para a noite durante a transição do inverno para a primavera em um lugar de transição. O cemitério, considerado um local de descanso final, é menos pacífico sob a superfície. No solo, abraçados por caixões de madeira, corpos são alterados pela natureza, que decompõe os restos mortais. Mesmo em descanso, o corpo está em perpétua transformação. A risada animada das crianças por perto quebra o silêncio, sem perceber ou se importar com o mundo intermediário em que pisam. Os enlutados são silenciosos, mas a dor deles, não. A ferida pode ser interna, mas é possível ouvi-la, vê-la, senti-la. O coração partido é carregado por corpos como uma capa invisível; faz pesar os ombros, escurecer os olhos, diminuir os passos.

Nos dias e meses após a morte do meu marido, procurei alguma conexão transcendental e arredia com ele, desesperada para me sentir inteira de novo, como uma sede insuportável que precisava ser saciada. Nos momentos em que eu conseguia existir, a presença dele surgia pelas minhas costas e me tocava o ombro, e, de repente, eu sentia um vazio insuportável. Um coração seco. O luto é imensamente incontrolável.

Ele escolheu ser cremado. Suas cinzas estão em uma urna em um nicho atrás da parede de um columbário. Os pais dele reservaram um dos espaços ao lado, enquanto o outro espaço vazio é para mim. Sinto

que estou encarando a morte, o que é algo que teria aceitado quando ele morreu. Qualquer coisa para me juntar a Gerry. Eu teria entrado naquele nicho sem relutar, me encolhido como uma contorcionista, abraçado a urna com o meu corpo.

Ele está atrás da parede. Mas não está lá nem aqui. Ele se foi. Energia em algum outro lugar. Partículas de matéria dissolvendo-se e espalhando-se ao meu redor. Se pudesse, eu ordenaria um exército inteiro para caçar cada uma dessa moléculas e montá-lo de novo, mas nem todos os cavalos do rei, nem todos os homens do rei... Aprendemos isso desde o início, mas só percebemos o que significa no fim.

Fomos privilegiados de não ter só uma, mas duas despedidas; um longo período com o câncer, seguido por um ano das cartas. Ele se foi sabendo, em segredo, que haveria mais de si para eu me agarrar, mais do que lembranças; mesmo depois da morte, Gerry deu um jeito de criarmos novas lembranças juntos. Magia. Adeus, meu amor, adeus de novo. As despedidas deveriam ser suficientes. Achei que fossem. Talvez seja por isso que pessoas visitam cemitérios. Para mais despedidas. Talvez não seja um olá, afinal — é o conforto da partida, uma despedida calma e tranquila, sem culpa. Nem sempre nos lembramos de como nos conhecemos, mas, em geral, lembramos de como dizemos adeus.

É surpreendente para mim estar aqui de novo, tanto neste local quanto neste estado de espírito. Fazem sete anos desde a morte dele. Seis desde que li a última carta. Eu tinha superado — *superei* —, mas eventos recentes mudaram tudo e me deixaram estremecida. Eu deveria seguir em frente, mas sinto uma corrente rítmica e hipnótica, como se as mãos dele estivessem me buscando e me puxando de volta.

Examino a lápide e leio a frase mais uma vez.

*Mire na lua, porque, mesmo se errar, vai acertar as estrelas.*

Então deve ser assim. Porque foi o que fizemos, eu e ele. Nós miramos na lua. E erramos. Isso aqui, tudo que tenho, tudo que sou, essa nova vida que construí nos últimos sete anos, sem Gerry, deve ser como acertar as estrelas.

## CAPITULO 1

### *Três meses antes*

— A paciente Penélope. Esposa de Odisseu, rei de Ítaca. Uma personagem séria e diligente, uma esposa e mãe dedicada, que alguns críticos reduzem a um simples símbolo da fidelidade matrimonial. Mas Penélope é uma mulher complexa, que tece as suas artimanhas de forma tão sagaz quanto tece o seu manto. — O guia turístico faz uma pausa misteriosa enquanto passa os olhos pelo público intrigado.

Estou com Gabriel em uma exposição no Museu Nacional. Estamos no final do grupo, ligeiramente afastados, como se não pertencêssemos ou não quiséssemos fazer parte do grupo, mas também não estivéssemos dispostos a perder o que está sendo dito. Ouço as informações do guia turístico enquanto Gabriel folheia o livreto ao meu lado. Ele vai conseguir repetir o que o guia falou depois, palavra por palavra. Ele adora essas coisas. E eu adoro que ele adore essas coisas, mais do que adoro essas coisas em si. É alguém que sabe como passar o tempo, e, quando eu o conheci, essa era uma das suas características mais agradáveis, porque eu tinha um encontro com o destino. Em sessenta anos, no máximo, eu tinha um encontro marcado com alguém do outro lado.

— O marido de Penélope, Odisseu, vai lutar na Guerra de Troia, que dura dez anos, e leva outros dez anos para voltar. Penélope está em uma situação perigosa, em que 108 pretendentes começam a exigir a mão dela em casamento. No entanto, Penélope é inteligente, e cria maneiras de fazer os seus pretendentes esperarem, atrasando-os com promessas de possibilidade, mas sem nunca se dobrar a ninguém.

De repente, me sinto envergonhada. O braço que repousa nos meus ombros parece pesado demais.

— A história do tear de Penélope, que vemos aqui, simboliza um dos truques da rainha. Ela tecia uma mortalha para o funeral do sogro, Laerte, dizendo que escolheria um novo marido assim que a mortalha estivesse pronta. Durante o dia, ela trabalhava no tear no salão real e, à noite, desfazia os pontos que fizera durante o dia. Penélope fez isso por três anos, esperando o marido retornar, enganando os pretendentes até que estivessem juntos de novo.

Aquilo me irrita.

— Ele esperou por ela? — pergunto em voz alta.

— Perdão? — diz o guia, procurando com o olhar quem falou. O grupo abre espaço e as pessoas se viram para mim.

— Penélope é a epítome da fidelidade conjugal, mas e o marido dela? Ele se guardou para ela, durante a guerra, por todos esses vinte anos?

Gabriel dá uma risadinha.

O guia turístico sorri e fala sobre os nove filhos que Odisseu teve com outras cinco mulheres durante a sua longa jornada voltando da Guerra de Troia para Ítaca.

— Então a resposta é não, né? — resmungo para Gabriel quando o grupo segue em frente. — Como ela foi boba.

— Você fez uma pergunta excelente — diz ele, com divertimento na voz.

Eu me viro de novo para a pintura de Penélope enquanto Gabriel folheia o livreto. Será que sou como a paciente Penélope? Será que estou tecendo durante o dia e desfazendo os nós à noite, enganando este belo e leal pretendente enquanto espero reencontrar o meu marido? Observo Gabriel. Os olhos azuis dele estão brincalhões, sem ler os meus pensamentos. Completamente enganado.

— Ela podia ter transado com todos os pretendentes enquanto esperava — falou ele. — Nada divertido, Penélope puritana.

Dou uma risada, apoiando a cabeça no peito dele. Gabriel passa o braço ao meu redor, me abraçando com força e beijando o topo da minha cabeça. Ele é forte como um touro; eu poderia viver dentro daqueles abraços; é forte, alto e grandalhão, e passa os dias subindo em árvores no seu trabalho de cirurgião de árvores, ou arborista, para usar o título que ele prefere. Está acostumado a viver nas alturas, ama a chuva e o vento, todos os elementos; é um aventureiro, um explorador, e, quando não está no topo de uma árvore, está embaixo dela, a cabeça mergulhada em um livro. De noite, depois do trabalho, ele cheira a folhagens e pimenta.

A gente se conheceu há dois anos, em um festival de asinhas de frango em Bray. Ele estava ao meu lado no balcão, empacando a fila por ter pedido um hambúrguer. Ele me pegou em um dia bom: achei aquilo engraçado, o que era a intenção dele; Gabriel estava tentando chamar a minha atenção. A sua cantada da sorte, por assim dizer.

*Meu colega quer saber se você topa sair com ele.*

*Vou querer um cheeseburger, por favor.*

Eu amo uma péssima cantada, mas tenho bom gosto para homens. Bons homens, ótimos homens.

Ele começa a andar, e eu o puxo na outra direção, para longe do olhar da paciente Penélope. Ela me vê e acha que me reconhece como uma igual. Mas não somos iguais, não sou como ela e não quero ser. Não vou parar a minha vida como ela fez à espera de um futuro incerto.

— Gabriel.

— Holly — responde ele com o mesmo tom sério da minha voz.

— Sobre a sua proposta...

— De marchar contra a decoração de Natal que o governo coloca nas ruas antes da hora? A gente acabou de tirar aquelas coisas, mas com certeza vão voltar em breve.

Tenho que arquear as costas e esticar o pescoço para encará-lo, de tão alto que é. Ele sorri com os olhos.

— Não, a outra proposta. A de ir morar com você.

— Ah.

— Vamos fazer isso.

Ele dá um soco no ar e imita baixinho a comemoração da torcida em um estádio.

— Mas só se você me prometer que a gente vai comprar uma TV e que vou acordar todos os dias e você vai estar assim.

Eu fico na ponta dos pés para me aproximar do seu rosto. Coloco as mãos nas bochechas dele, sentindo o sorriso por baixo da barba curta que ele mantém e apara como um profissional; o selvagem que cultiva o próprio rosto.

— É um requisito para ser a minha companheira de quarto.

— Companheira de cama — digo, e nós dois rimos.

— Você sempre foi tão romântica assim? — pergunta ele, me abraçando.

Eu era. Já fui bem diferente. Inocente, talvez. Não mais, no entanto. Eu o abraço com força e apoio a cabeça no seu peito. Encontro o olhar julgador de Penélope. Ergo o nariz, desafiadora. Ela acha que me conhece. Mas não.

## CAPITULO 2

— Está pronta? — pergunta, baixinho, a minha irmã Ciara enquanto nos acomodamos nos pufes em frente à loja. O público sussurra, esperando o evento começar. Estamos sentadas à janela do antiquário de Ciara, chamado Magpie, onde trabalho com a minha irmã há três anos. De vez em quando, transformamos a loja em um espaço de eventos em que o podcast dela, *Como falar sobre...*, é gravado com plateia. Hoje, porém, não estou no meu lugar de sempre, servindo vinho e arrumando cupcakes na mesa. Em vez disso, me dobrei aos persistentes pedidos da minha torturante porém destemida irmã mais nova para que participasse como convidada do episódio desta semana: “Como falar sobre a morte.” Eu me arrependi de dizer “sim” na mesma hora em que a palavra saiu dos meus lábios, e esse arrependimento alcançou níveis estratosféricos quando chegou a hora de sentar e enfrentar o pequeno grupo de pessoas assistindo.

As araras e os manequins de roupas e acessórios foram afastados em direção às paredes, e cinco fileiras de seis cadeiras dobráveis ocupam o salão da loja. Tiramos as coisas da vitrine para que eu e Ciara ficássemos na parte mais alta; do lado de fora, os passantes apressados saindo do trabalho e voltando para casa lançam olhares desconfiados para os manequins vivos sentados em pufes perto da vitrine.

— Obrigada por participar. — Ciara estende o braço e aperta a minha mão suada.

Dou um sorriso fraco, tentando prever o que poderia dar errado se eu resolvesse desistir no último segundo, mas sei que não vale a pena. Tenho que cumprir a minha promessa.

Ela tira os sapatos e coloca os pés descalços no pufe, totalmente à vontade naquele espaço. Dou um pigarro, o som reverberando pelos alto-falantes na loja em que trinta rostos ansiosos e curiosos me encaram. Aperto as mãos suadas e pouso as anotações que preparei furiosamente como uma estudante nervosa antes de uma prova desde que Ciara me pediu para fazer aquilo. São pensamentos fragmentados rabiscados quando a inspiração surgia, mas nenhum faz sentido agora. Não consigo identificar o começo ou o fim das frases.

Minha mãe está sentada na primeira fileira, algumas cadeiras de distância da minha amiga Sharon, que se posicionou perto do corredor, onde tem espaço para encostar o carrinho com espaço para dois bebês. Um par de pezinhos, com uma meia prestes a cair, a outra já desaparecida, surge por baixo de um cobertor, e Sharon está segurando o outro bebê de seis meses. Gerard, de 6 anos, está sentado ao seu lado, os olhos grudados no iPad, os ouvidos preenchidos por fones, e seu irmão de 4 anos declara dramaticamente que está entediado, tão deitado na cadeira que só a cabeça se apoia no encosto. Quatro meninos em seis anos; agradeço muito por ela ter vindo hoje. Sei que Sharon acordou com o nascer do sol. Sei quanto tempo ela levou para conseguir sair de casa, indo e voltando três vezes por ter esquecido alguma coisa. Mas está aqui, minha amiga, tão guerreira. Ela sorri para mim, o rosto uma máscara de exaustão, mas sempre do meu lado.

— Bem-vindos, todos, ao quarto episódio do podcast do Magpie — fala Ciara. — Alguns de vocês já são conhecidos... Betty, obrigada por trazer os seus deliciosos cupcakes, e Christian, obrigada pelos queijos e vinhos.

Procuro Gabriel entre o público. Tenho quase certeza de que ele não está aqui, porque pedi para que não viesse, embora nem fosse necessário. Ele é bastante reservado com a sua vida pessoal e não deixa as emoções à mostra, então a ideia de discutir a minha vida com estranhos o deixa confuso. A gente pode ter discutido muito sobre

essa questão, mas, no momento, eu não poderia concordar mais com ele.

— Meu nome é Ciara Kennedy e sou a dona do Magpie. Recentemente, decidi que seria uma boa ideia fazer uma série de podcasts chamada “Como falar sobre...”, convidando instituições de caridade que recebem uma porcentagem dos lucros da loja. Esta semana vamos falar sobre a morte, mais especificamente sobre luto e superação, e temos Claire Byrne conosco, da Bereave Ireland, e também algumas das pessoas que se beneficiam do trabalho incrível que a Bereave faz. Os lucros das vendas dos ingressos e das suas generosas doações vão direto para eles. Mais tarde, vou falar com Claire sobre o trabalho incansável e tão importante que eles fazem ajudando aqueles que perderam entes queridos, mas antes gostaria de apresentar a minha convidada especial, Holly Kennedy, que, por acaso, é a minha irmã. Você finalmente veio! — exclama Ciara, animada, e o público aplaude.

— É, vim mesmo — respondo, com uma risada nervosa.

— Desde que comecei o podcast no ano passado, venho pentelhando a minha irmã para participar. Estou tão feliz por ter aceitado! — Ela estende o braço e segura a minha mão. — Sua história tocou a minha vida profundamente, e tenho certeza de que muita gente vai se beneficiar por ouvir a sua jornada.

— Obrigada. Tomara que sim.

Percebo que as anotações estão tremendo na minha mão, então solto a mão de Ciara para apoiá-las.

— Como falar sobre morte? Esse não é um assunto fácil. Ficamos tão confortáveis falando das nossas vidas, sobre como vivemos, sobre como melhorar a nossa existência, que muitas vezes falar sobre morte é algo estranho, que preferimos evitar. Não consigo pensar em outra pessoa com quem quero mais ter essa conversa sobre luto. *Holly*, por favor, conte para a gente como a morte afetou você.

Eu limpo a garganta.

— Sete anos atrás, eu perdi o meu marido, Gerry, para o câncer. Ele teve um tumor cerebral aos 30 anos.

Não importa quantas vezes eu fale isso, sempre sinto um nó na garganta. Essa parte da história ainda é real, ainda queima forte dentro de mim. Olho para Sharon em busca de apoio, e ela revira os olhos dramaticamente e força um bocejo. Eu sorrio. Vou conseguir.

— Estamos aqui para falar sobre o luto, então o que posso dizer? Não sou especial. A morte afeta todos nós, e, como muitos aqui hoje sabem bem, o luto é uma caminhada complexa. Não dá para controlar o luto; na maior parte do tempo, parece que é ele que controla você. A única coisa que se pode controlar é a maneira de lidar com tudo isso.

— Você diz que não é especial — comenta Ciara —, mas as experiências pessoais de cada indivíduo são, sim, únicas, e sempre podemos aprender uns com os outros. Nenhuma perda é fácil, mas você acha que o fato de você e Gerry terem crescido juntos tornou a sua mais intensa? Desde que eu era criança, não conseguia pensar em Holly sem Gerry.

Assinto e, enquanto explico a história de quando conheci Gerry, evito olhar para o público, para facilitar, como se estivesse falando comigo mesma, do jeito que ensaiei no chuveiro.

— Conheci Gerry na escola, quando tinha 14 anos. A partir daquele dia era Gerry e Holly. Namorada do Gerry. Esposa do Gerry. Crescemos juntos, aprendemos tudo juntos. Eu tinha 29 anos quando o perdi e me tornei a viúva do Gerry. Não só o perdi, não só perdi parte de mim, eu realmente senti que tinha *me perdido*. Não tinha ideia de quem eu era. Tive que me redescobrir.

Algumas pessoas assentem. Elas sabem. Todas sabem, e se ainda não sabem, vão saber agora.

— *Cocô* — diz uma voz de dentro do carrinho, e uma risadinha. Sharon aquieta o bebê. Ela enfia a mão em uma bolsa gigante e tira

um bolinho de morango. O bolinho some lá dentro. As risadas param.

— E como você se redescobriu? — pergunta Ciara.

Parece estranho contar para Ciara algo que ela viveu junto comigo, então me viro para o público, para as pessoas que não estavam lá. Ao ver os rostos, sinto algo mudar dentro de mim. Isso não é sobre mim. Gerry fez algo especial, e vou compartilhar a história por ele, com pessoas que querem saber.

— Gerry me ajudou. Antes de morrer, ele criou um plano secreto.

— *Tcham-tcham-tcharám!* — exclama Ciara, tirando risadas do público. Eu sorrio, olhando para as faces ansiosas.

Sinto a animação da revelação, a lembrança mais uma vez de como o ano após a morte dele foi único, embora o tempo tenha feito a importância desbotar na minha memória.

— Ele me deixou dez cartas, para serem abertas nos meses após a sua morte, assinando cada uma delas com: “P.S. Eu te amo”.

Dá para ver que o público fica tocado e surpreso. As pessoas trocam olhares e sussurros, o silêncio é destruído. O bebê de Sharon começa a chorar. Ela o acalma, balançando-o e dando tapinhas no bumbum de leve, com um olhar distante.

Ciara ergueu a voz para ser ouvida por cima do choro.

— Quando eu pedi para você participar do podcast, você foi muito enfática ao dizer que não queria se concentrar na doença de Gerry. Queria falar sobre o presente que ele lhe deu.

Assinto com firmeza.

— Isso. Não quero falar sobre o câncer, sobre o que ele precisou enfrentar. Meu conselho, se alguém estiver interessado, é: tente não se concentrar na escuridão. Já temos muito disso na vida. Prefiro falar para as pessoas sobre esperança.

Ciara me encara com os olhos brilhando de orgulho. Minha mãe aperta as mãos com força.

— O caminho que escolhi foi me concentrar no presente que Gerry me deu, o presente que a *morte* dele me deu: o de me reencontrar. Não me sinto menor, nem tenho vergonha por dizer que a morte de Gerry me destruiu. Suas cartas me ajudaram a me reencontrar. Precisei perdê-lo para descobrir uma parte de mim que eu nem sabia que existia. — Estou perdida nas minhas palavras e não consigo parar. Eu *preciso* que eles saibam. Se eu mesma estivesse sentada aqui sete anos atrás, *precisaria* ouvir isso. — Encontrei uma força surpreendente dentro de mim, no fundo de um poço escuro e solitário, mas encontrei. Infelizmente, é aí que encontramos a maioria dos tesouros da vida. Depois de muito lutar e cavar na escuridão, enfim encontramos algo concreto. Aprendi que, no fundo do poço, tem uma mola.

Incentivado por uma Ciara entusiasmada, o público aplaude.

O bebê de Sharon começa a gritar, um som agudo que faz parecer que alguém está arrancando as perninhas dele. O mais velho joga o resto do bolinho de morango no bebê. Sharon fica de pé e me encara com um olhar de desculpas, então se levanta e sai pelo corredor, empurrando o carrinho com uma das mãos e segurando o bebê com o outro braço, deixando os dois meninos mais velhos com a minha mãe. Enquanto ela manobra desajeitadamente o carrinho até a saída, bate em uma cadeira, esbarra nas bolsas penduradas no corredor, as alças se prendendo nas rodinhas, e não para de se desculpar baixinho.

Ciara está esperando Sharon sair para fazer a próxima pergunta.

Sharon empurra o carrinho contra a porta para abri-la. Matthew, meu cunhado, corre para ajudar, segurando a porta aberta, mas o carrinho duplo é largo demais. Em pânico, Sharon tenta empurrar várias vezes, se esforçando para passar pelo vão. O bebê grita, o carrinho bate na lateral da porta, e Matthew pede para ela parar enquanto solta a parte de baixo da porta. Sharon olha para a gente com uma expressão envergonhada, então eu imito o que ela fez antes:

reviro os olhos e bocejo. Ela dá um sorriso agradecido antes de sair correndo.

— A gente pode editar essa parte depois — diz Ciara, brincando. — Holly, além das cartas que Gerry deixou para você depois da morte, você sentiu a presença dele de outra forma?

— Está me perguntando se eu vi o fantasma dele?

Algumas pessoas na plateia riem, outras parecem desesperadas por uma confirmação.

— A energia — explica Ciara. — Como preferir chamar.

Paro e penso, tentando me conectar com os meus sentimentos.

— É estranho, mas a morte tem uma presença física, quase como se desse para sentir a outra pessoa ao seu lado. O vazio que os entes queridos deixam, a *falta* da presença, é perceptível, então, às vezes, houve momentos em que Gerry parecia mais vivo do que as pessoas ao meu redor. — Eu me lembro dos dias e das noites solitários em que ficava presa entre o mundo real e a minha mente. — Memórias podem ser poderosas. Podem ser uma fuga deliciosa e um ótimo lugar para explorar, porque elas o traziam de volta para mim. Mas é preciso cuidado, porque também podem ser uma prisão. Fico feliz que Gerry tenha me deixado as cartas, porque ele me tirou daqueles buracos negros e me fez voltar à vida, permitindo que construíssemos novas memórias juntos.

— E agora? Sete anos depois? Gerry ainda está com você?

Eu paro. Olho para ela, surpresa, os olhos arregalados como um coelho sob os faróis de um carro. Engasgo. Não consigo pensar em nada. Está?

— Tenho certeza de que Gerry sempre fará parte de você — diz Ciara baixinho, percebendo o meu estado. — Ele sempre vai estar com você — fala, como se me acalmando, como se eu tivesse esquecido.

Do pó ao pó, das cinzas às cinzas. Partículas de matéria dissolvendo-se e espalhando-se ao meu redor.

— Com certeza. — Dou um sorriso tenso. — Gerry sempre vai estar comigo.

O corpo morre, a alma, o espírito permanece. Depois da morte de Gerry, houve dias em que senti como se a energia dele estivesse dentro de mim, me dando força, me ajudando, me transformando em uma fortaleza. Eu podia fazer qualquer coisa. Era intocável. Em outros, sentia a energia dele, e isso me destruía em mil pedacinhos. Era um lembrete do que eu havia perdido. Não posso. Não vou. O universo tirou a melhor parte da minha vida, e por isso fiquei com medo de que pudesse me tirar todo o restante também. E percebo como todos aqueles dias foram preciosos, porque, sete anos depois, não sinto Gerry comigo, nem um pouco.

Perdida na mentira que acabei de contar, me pergunto se as minhas palavras pareceram tão vazias quanto me sinto. De qualquer forma, já estou acabando. Ciara convida o público para fazer perguntas, e relaxo um pouco, percebendo que o fim está próximo. Uma moça na terceira fileira, quinta cadeira, um lenço amassado na palma da mão, rímel borrado em volta dos olhos.

— Oi, Holly, meu nome é Joanna. Perdi o meu marido alguns meses atrás e gostaria que ele tivesse deixado cartas para mim, como o seu fez. Você pode contar para a gente o que a última carta dizia?

— Eu quero saber o que todas as cartas diziam — fala alguém no público, e várias pessoas murmuram, concordando.

— Temos tempo, se Holly se sentir confortável com isso — diz Ciara, olhando para mim.

Eu respiro fundo e solto o ar devagar. Não penso nas cartas faz tanto tempo. Ao menos não individualmente, não em ordem. Por onde começar? Um novo abajur, uma roupa nova, uma noitada no karaokê, sementes de girassol, uma viagem de aniversário com amigos... Como essas pessoas poderiam entender o que todas essas coisas, aparentemente sem importância alguma, significaram para mim? Mas a última carta... Eu sorrio. É fácil.

— A última carta dele dizia: não tenha medo de se apaixonar de novo.

A plateia se agarra àquilo, àquela bela mensagem, um término bonito e bondoso da parte de Gerry. Joanna não fica tão emocionada quanto os outros. Vejo a decepção e a confusão no seu olhar. O desespero. Tão mergulhada no luto que não é isso que queria ouvir. Ela ainda está se agarrando ao marido, por que sequer pensaria em abrir mão disso?

Sei o que ela está pensando. De jeito nenhum ela vai amar de novo. Não da mesma forma.

## CAPITULO 3

Sharon reaparece quando a loja começa a esvaziar, nervosa, o bebê dormindo no carrinho e Alex, o garotinho, segurando a mão dela, corado.

— Oi, rapaz — falo, me inclinando para ele.

Ele me ignora.

— Diga oi para Holly — diz Sharon gentilmente.

Ele a ignora.

— Alex, diga oi para a Holly! — rosna ela, canalizando uma voz demoníaca tão de repente que tanto Alex quanto eu nos assustamos.

— Oi.

— Bom menino — fala ela, doce.

Eu a encaro, de olhos arregalados, sempre impressionada e assustada pela dupla personalidade que a maternidade traz à tona na minha amiga.

— Estou tão envergonhada — diz ela, baixinho. — Desculpa. Eu sou péssima.

— Para com isso. Estou tão feliz por ter vindo. E você é incrível. Você mesma diz que o primeiro ano é sempre o mais difícil. Mais alguns meses e esse garotinho vai fazer um ano. Falta pouco.

— Tem outro vindo por aí.

— O quê?

Ela ergue os olhos, cheios de lágrimas.

— Estou grávida de novo. Eu sei. Sou uma idiota.

Ela se ajeita, tentando ser forte, mas parece derrotada. Está cansada, exausta. Sinto pena, uma emoção que só aumentou a cada

gravidez conforme as comemorações foram ficando cada vez menores.

A gente se abraça, e falamos ao mesmo tempo:

— Não diga nada para Denise.

Fico estressada só de ver Sharon sair com os quatro meninos. Também estou exausta depois da tensão do dia, a falta de sono da noite passada e por discutir uma história pessoal a fundo por uma hora. Estou morta, mas tenho que ficar para ajudar Ciara a arrumar a loja depois que todos forem embora e trancar tudo.

— Foi completamente incrível — diz Angela Carberry, interrompendo os meus devaneios.

Angela é uma grande cliente da loja, que sempre doa roupas, bolsas e joias de grife, e é uma das principais razões pelas quais Ciara consegue manter o Magpie aberto. Minha irmã brinca dizendo que acha que Angela compra coisas só para poder doá-las. Ela está muito bem vestida, como sempre, o cabelo curto em um corte reto com franja, magra como um passarinho, um colar de pérolas ao redor do pescoço, o vestido de seda arrematado por um laço no decote.

— Angela, muito obrigada por ter vindo.

Fico surpresa quando ela se aproxima e me abraça.

Por cima do ombro dela, vejo Ciara arregalar os olhos com a surpreendente demonstração de intimidade da mulher, que, em geral, é bastante austera. Sinto os ossos de Angela por baixo das roupas quando ela me abraça forte. Ela nunca foi muito impulsiva ou carinhosa, e sempre pareceu distante nas ocasiões em que vinha deixar na loja as suas roupas, os sapatos nunca usados, as bolsas nas sacolas originais, dizendo exatamente como arrumar as coisas e por quanto vendê-las sem esperar um centavo de volta.

Seus olhos estão úmidos quando ela se afasta de mim.

— Você precisa fazer isso mais vezes. Contar a sua história para as pessoas.

— Ah, não. — Dou uma risada. — Isso foi uma ocasião especial, mais para calar a boca da minha irmã do que qualquer outra coisa.

— Mas você não percebeu? — pergunta ela, surpresa.

— O quê?

— O poder da sua história. O que você fez para as pessoas, como se conectou e tocou o coração de cada uma delas hoje.

Envergonhada, vejo a fila de pessoas que se formou atrás de Angela, todas querendo falar comigo.

Ela aperta o meu braço, forte demais para o meu gosto.

— Você precisa contar a sua história de novo.

— Agradeço o entusiasmo, Angela, mas já passei por isso uma vez, e já falei sobre isso uma vez, e para mim é o suficiente.

Minhas palavras não são duras, mas há uma seriedade inesperada em mim. Uma camada exterior áspera que surge de repente. Como se os meus espinhos tivessem furado a mão dela, Angela solta o meu braço na mesma hora, e então, lembrando onde está e que outras pessoas querem falar comigo, ela se afasta, relutante.

O aperto acabou, meus espinhos desaparecem, mas algo naquele momento desconfortável permanece comigo, como um hematoma.

Eu me encolho na cama ao lado de Gabriel, o quarto girando depois de beber demais com a minha mãe e Ciara no apartamento dela em cima da loja até tarde.

Ele desperta e abre os olhos, me observando por um segundo, então sorri ao ver o meu estado.

— Foi bom?

— Se eu algum dia chegar a pensar em fazer qualquer coisa do tipo de novo... não deixa — murmuro, os olhos se fechando, tentando ignorar a cabeça ainda girando.

— Concordo. Bem, você conseguiu. É a irmã do ano. Talvez até consiga um aumento.

Dou uma risada.

— Já acabou.

Ele se aproxima e me beija.

## CAPITULO 4

— Holly! — Ciara grita meu nome de novo. O tom passou de paciente para preocupado para puramente raivoso. — Cadê você?

Estou no estoque, atrás de algumas caixas, talvez encolhida atrás delas, talvez com algumas roupas penduradas por cima, tipo uma cabaninha. Talvez me escondendo.

Ergo os olhos e vejo o rosto de Ciara espiando.

— Que merda é essa? Está se escondendo?

— Não. Não seja ridícula.

Ela me lança um olhar de descrença.

— Estou chamando você faz séculos. Angela Carberry quer vê-la, insistindo que precisa falar com você. Disse que achava que você tinha saído para tomar café. Ela esperou por, tipo, uns quinze minutos. Você sabe como ela é. Mas que porra, Holly? Parecia que eu não sabia onde a minha funcionária estava, e era verdade.

— Ah. Bom, agora você sabe. Desculpa por não ter aparecido.

Faz um mês desde que gravamos o podcast, e, para ser sincera, a insistência de Angela Carberry para que eu conte mais da minha história se transformou em uma perseguição. Fico de pé e estico as pernas com um gemido.

— O que está havendo entre você e a Angela? — pergunta Ciara, preocupada. — Tem a ver com a loja?

— Não, não, de jeito nenhum. Nada a ver com a loja, não se preocupe. Ela não acabou de entregar outra bolsa cheia de roupas?

— Chanel, vintage — diz Ciara, relaxando, aliviada. Então fica confusa de novo. — O que está acontecendo? Por que está se

escondendo dela? Não pense que não percebi que você fez a mesma coisa quando ela passou aqui semana passada.

— Você sabe lidar melhor com ela. Eu não a conheço tão bem, e ela é muito mandona.

— É verdade, mas tem todo o direito de ser: ela nos dá milhares de euros por mês em produtos. Eu colocaria o colar dela em exposição no meu próprio corpo nu em cima de um touro mecânico se Angela quisesse.

— Ninguém quer isso — falo, passando por ela.

— Eu gostaria de ver! — grita Matthew da outra sala.

— Ela me pediu para entregar isso para você. — Ciara estende um envelope.

Tem algo nessa situação que me deixa desconfortável. Eu tenho uma história com envelopes. Não é a primeira vez nesses seis anos que abri um, mas há uma sensação de peso desta vez. Imagino que seja um convite para falar sobre luto em um almoço de damas da sociedade ou algo assim, algum evento organizado por Angela. Ela já me pediu várias vezes para continuar a minha “palestra” ou para escrever um livro. Cada vez que visita a loja, ela me dá um telefone para falar com agentes de eventos ou literários. Nas primeiras vezes, agradeço educadamente, mas, na última vez, cortei o assunto de forma tão direta que achei que ela não voltaria mais. Pego o envelope, dobro ao meio e enfio no bolso traseiro da calça.

Ciara me olha de cara feia. Estamos em um impasse.

Matthew aparece na porta.

— Boas notícias. Segundo as estatísticas de downloads, “Como falar sobre morte” foi o episódio mais bem-sucedido do podcast até hoje! Tem mais downloads do que todos os outros somados. Parabéns, irmãs.

Ele ergue as mãos, animado, para trocar *high-fives* com nós duas ao mesmo tempo.

Ciara continua me olhando de cara feia; estou irritada porque o podcast dela me fez um alvo da atenção quase obsessiva de Angela, e ela, porque estou sendo grossa com a sua maior doadora por algum motivo misterioso.

— Ah, que isso, não me deixem no vácuo.

Ciara bate na palma da mão erguida dele meio desanimada.

— Não era o que eu estava esperando — diz ele, me olhando com uma expressão preocupada e baixando as mãos. — Desculpa, fui insensível? Eu não estava comemorando que o Gerry, sabe...

— Eu sei — respondo, abrindo um sorriso. — Não é isso.

Não posso comemorar o sucesso do podcast. Na verdade, queria que ninguém tivesse ouvido, queria nunca ter participado. Nunca mais quero ouvir ou falar das cartas de Gerry de novo.

A casa de Gabriel em Glasnevin, uma construção vitoriana com varanda que ele restaurou sozinho com todo o amor e toda a paciência, é um lar eclético e aconchegante que, diferente do meu, é cheio de personalidade. Estamos deitados no chão, em um pufe de veludo gigantesco em cima de um tapete felpudo, bebendo vinho tinto. A sala não tem janelas, então a claridade, apesar de ser aquela luz fraca de fevereiro, nos alcança da claraboia acima. Os móveis de Gabriel são uma mistura de antiguidades e contemporâneos, o que quer que lhe chamasse a atenção. Todo objeto tem uma história, mesmo que não seja impressionante nem valioso, mas tudo veio de algum lugar. A lareira é o ponto focal da sala; ele não tem TV e se entretém com músicas obscuras na vitrola ou lendo na sua extensa biblioteca. A leitura da vez é o livro de arte *Vinte e seis postos de gasolina*, composto de fotografias em preto e branco de postos de gasolina nos Estados Unidos. A música é de Ali Farka Touré, um cantor e guitarrista malinês. Encaro o céu noturno pela claraboia. É mesmo incrível. Ele é o que eu preciso, quando eu preciso.

— Quando vai ser a primeira visita na casa? — pergunta ele, ficando impaciente com a demora do desenrolar das coisas desde que tomamos a decisão, mais de um mês atrás. Minha distração desde o episódio do podcast me tirou do prumo.

Minha casa ainda não foi colocada à venda, mas não consigo me forçar a confessar isso, então, em vez de dizer a verdade, respondo:

— Vou encontrar o corretor lá amanhã. — Ergo a cabeça para bebericar o vinho então volto a me apoiar no seu peito, uma tarefa tão árdua quanto esse dia permite. — Então você será meu, só meu! — E dou uma risada maníaca.

— Mas eu já sou. Aliás, achei isso aqui. — Ele apoia a taça na mesa e tira um envelope amassado da pilha bagunçada de livros perto da lareira.

— Ah, sim, obrigada.

Dobro o envelope de novo e enfio no bolso traseiro.

— O que é isso?

— Um cara viu a minha palestra lá na loja. Ele acha que eu sou uma viúva sexy e me deu o telefone dele — respondo, tomando um gole do vinho, séria.

Ele franze a testa, e eu dou risada.

— Uma mulher que participou da plateia durante a gravação do podcast quer que eu continue a contar a minha história. Ela não para de me encher o saco para fazer mais eventos, escrever um livro. — Eu rio de novo. — Sabe como é, ela é uma ricaça insistente que eu nem conheço direito, e já falei que não estou interessada.

Ele olha para mim, curioso.

— Eu ouvi o podcast no carro um dia desses. As suas palavras foram emocionantes. Tenho certeza de que você ajudou muita gente. — É a primeira vez que ele fala algo positivo sobre o podcast. Imagino que o que falei não foi novidade para ele, afinal os primeiros meses do nosso relacionamento foram um mergulho profundo nas

nossas intimidades enquanto nos conhecíamos melhor. Mas quero deixar tudo aquilo para trás.

— Eu só estava ajudando a Ciara — falo para cortar o elogio. — Não se preocupe, não vou começar a ganhar dinheiro falando do meu ex-marido.

— Não estou preocupado com você falando dele, mas com o que ficar revivendo isso pode fazer a você.

— Não vai acontecer.

Ele se remexe no pufe e passa o braço pelas minhas costas. O que eu pensei ser um abraço, na verdade, era uma tentativa de pegar o envelope.

— Você nem abriu. Sabe o que está escrito?

— Não. Porque não ligo.

Ele me encara.

— Você liga, sim.

— Não ligo. Ou teria aberto.

— Você liga, senão teria aberto.

— Não pode ser tão importante, ela me entregou isso faz semanas. Eu esqueci.

— Posso ver, ao menos?

Ele abre o envelope. Eu tento tirá-lo das suas mãos, e acabo derrubando vinho no tapete. Levanto-me do pufe, desajeitada, soltando um gemido, e corro para a cozinha em busca de um pano úmido. Ouço ele remexendo no envelope enquanto abro a torneira. Meu coração está disparado. Sinto arrepios de novo.

— *Sra. Angela Carberry. Clube P.S. Eu te amo* — diz ele, lendo em voz alta.

— O quê?

Ele ergue o cartão e eu me aproximo para ler, o pano úmido pingando no seu ombro.

— Holly — reclama ele, e se mexe, agitado.

Pego o cartão da mão dele. É um cartão de visitas normal, com uma fonte elegante.

— Clube P.S. Eu te amo — falo, lendo, me sentindo curiosa e irritada ao mesmo tempo.

— O que isso significa? — pergunta Gabriel, secando a água do ombro.

— Não faço a menor ideia. Quer dizer, eu sei o que o “P.S. Eu te amo” significa, mas... Tem mais alguma coisa no envelope?

— Não, só esse cartão.

— Chega dessa bobagem. Já é uma perseguição. — Pego o meu celular no sofá e me afasto para um lugar mais privado. — Ou plágio.

Gabriel ri com a minha mudança repentina de humor.

— Você teria que ter escrito isso em algum lugar para chegar a ser plágio. Melhor mandar ela se foder educadamente, Holly.

Ele volta a atenção ao livro de arte.

O telefone toca por um tempo. Tamborilo meus dedos no balcão, imaginando um diálogo firme sobre como ela precisa deixar isso para lá, não insistir mais, me deixar em paz, acabar com essa história agora mesmo. Seja lá o que for esse clube, eu não quero estar envolvida e insisto que ninguém mais esteja. Estava apenas ajudando a minha irmã e fiquei exausta e chateada depois. E aquelas palavras pertencem ao meu marido, nas minhas cartas; ela não pode usá-las assim. Minha raiva só aumenta a cada toque, e estou prestes a desligar quando um homem enfim atende.

— Alô?

— Alô. Posso falar com Angela Carberry, por favor?

Sinto o olhar de Gabriel em mim. Ele fala, sem som: *educação*. Dou as costas para ele.

A voz do homem fica abafada, como se ele tivesse tirado a boca do fone. Ouço vozes no fundo, e não sei se ele está falando comigo ou com outra pessoa.

— Alô? Está ouvindo?

— Sim, sim. Estou ouvindo. Mas ela não está. A Angela. Quer dizer, ela faleceu. Hoje de manhã.

A voz dele treme.

— O pessoal da funerária está aqui comigo. Estamos planejando a cerimônia. Ainda não tenho as informações sobre o velório.

Eu paro de repente, capotando e explodindo. Tento recuperar o fôlego.

— Sinto muito. Nossa, sinto muito — digo, me sentando, e percebo que Gabriel está prestando atenção. — O que houve?

A voz do homem está distante, indo e voltando, trêmula, longe do telefone. Sinto que ele está confuso. Seu mundo está de cabeça para baixo. Nem sei quem é essa pessoa, mas, mesmo assim, sua perda é palpável, como um peso nos meus ombros.

— No final, foi tudo muito repentino, pegou a gente de surpresa. Os médicos achavam que ela teria mais tempo. Mas o tumor se espalhou, e foi isso... É.

— Câncer? — sussurro. — Ela morreu de câncer?

— Sim, sim, achei que soubesse... Desculpa, mas quem é? Você falou o seu nome? Desculpa, não estou pensando direito...

Ele continua, confuso. Penso em Angela, magra e carente, segurando o meu braço, apertando tanto que chega a doer. Achei que ela era estranha, irritante, mas só estava desesperada, desesperada para que eu a visitasse... mas não fiz isso. Eu nem liguei para ela. Mal lhe dei atenção. É claro que ela ficou tocada pelas minhas palavras — estava morrendo de câncer. Ela segurou o meu braço naquele dia como se fosse a própria vida.

Eu devo ter feito algum som, devo ter feito alguma coisa, porque Gabriel se ajoelhou ao meu lado, e o homem do outro lado da linha diz:

— Ah, querida, desculpa... Eu deveria ter sido menos direto. Mas ainda não tinha... Isso tudo é muito novo e...

— Não, não. — Eu tento me segurar. — Sinto muito por incomodá-lo nesse momento difícil. Meus sinceros pêsames para você e para a sua família — respondo.

Desligo a ligação.

Desapareço.

## CAPITULO 5

Eu não matei Angela, sei disso, mas chorei como se fosse o caso. Eu sabia que uma ligação, uma visita ou uma participação em um dos seus eventos não teria prolongado a vida dela, mas, mesmo assim, chorei como se fosse o caso. Chorei por todas as crenças irracionais que giravam pela minha mente.

Como Angela tinha sido uma doadora generosa da loja, Ciara sentiu que devia ir ao funeral e, apesar de Gabriel discordar, senti que a minha obrigação de aparecer era maior ainda. Eu havia passado as semanas antes da morte de Angela me escondendo dela e cortara tantas das suas tentativas de aproximações. Em geral, a gente não se lembra de como conhece as pessoas, mas lembramos de como nos despedimos. Não passei uma boa impressão ao conhecer Angela, então queria dizer adeus da maneira apropriada.

O funeral dela é na Igreja da Assunção em Dalkey, uma igrejazinha pitoresca na rua Principal, em frente ao Castelo de Dalkey. Eu e Ciara passamos pela multidão que permanece do lado de fora, entramos na igreja e nos sentamos nos últimos bancos. Os convidados seguem conforme a família entra com o caixão, e a igreja vai enchendo. Na frente da procissão está um homem solitário, o marido, o homem com quem falei ao telefone. Atrás dele, vários familiares e amigos chorosos. Fico feliz de ver que ele não está sozinho, que outras pessoas estão tristes, que sentirão saudades de Angela, que a vida dela era cheia de amor.

Obviamente o padre não conhecia Angela muito bem, mas ele se esforça. Ele reuniu algumas informações básicas sobre a mulher, como um dragão faz com moedas de ouro, e faz seu discurso com

gentileza. Quando chega a hora do discurso dos amigos e familiares, uma mulher sobe ao altar. Uma televisão é levada pela velha igreja adentro, já conectada.

— Olá a todos. Meu nome é Joy. Eu adoraria dizer algumas palavras sobre a minha amiga Angela, mas ela me proibiu de fazer isso. Como de costume, ela queria ter a última palavra.

Todos riem.

— Está pronto, Laurence? — pergunta Joy.

Não consigo ver ou ouvir a resposta dele, mas a tela se acende de qualquer forma, e o rosto de Angela preenche a imagem. Ela está magra, claramente foi filmada nas suas últimas semanas, mas está radiante.

— Oi, pessoal, sou eu!

Isso faz com que as pessoas percam o fôlego de surpresa, e as lágrimas começam a correr.

— Espero que vocês estejam péssimos sem mim. A vida deve estar horrivelmente sem graça. Sinto muito por ter morrido, mas o que posso fazer? Temos que olhar para a frente. Olá, meus queridos. Meu Laurence, meus meninos, Malachy e Liam. Oi, meus pequeninos, espero que a vovó não esteja assustando vocês. Espero tornar isso tudo um pouco mais fácil. Bom, vamos seguir em frente. Aqui estamos, no meu closet de perucas.

Ela segura a câmera e se vira para filmar as perucas. São de todas as cores, formatos e estilos, apoiadas em cabeças de manequim em prateleiras.

— Minha vida tem sido assim faz algum tempo, como sabem. Agradeço a Malachy por trazer esta aqui de um festival de música. — Ela dá zoom em um moicano e depois coloca a peruca na cabeça.

Todo mundo ri em meio às lágrimas, lenços voando de bolsas, sendo passados de banco em banco.

— Então, meus amados meninos — diz ela. — Vocês três são as coisas mais preciosas no mundo inteiro para mim, e não estou

preparada para dizer adeus ainda. Debaixo de cada uma dessas perucas deixei envelopes. Todo mês, quero que tirem uma peruca, coloquem na cabeça, abram o envelope, leiam a minha carta e se lembrem de mim. Sempre vou estar com vocês. Amo todos vocês e agradeço pela vida mais feliz e mais abençoada que uma mulher, mãe e avó poderia pedir. Obrigada por tudo.

Ela sopra um beijo para a câmera.

— P.S. Eu te amo.

Ciara agarra o meu braço e se vira para mim devagar.

— Meu Deus... — sussurra ela.

A tela se apaga e todos estão chorando. Não consigo imaginar como a família dela está se sentindo. Não consigo olhar para Ciara. Estou enjoada, tonta. Parece que não consigo respirar. Ninguém está prestando atenção alguma em mim, mas estou envergonhada, como se todos soubessem sobre a minha história, sobre o que Gerry fez. Seria grosseria ir embora? Estou tão perto da porta. Preciso respirar fundo, sentir a luz, sair desta cena claustrofóbica e sufocante. Fico de pé e me apoio nas costas do banco, então vou caminhando para a saída.

— Holly? — sussurra Ciara.

Do lado de fora, respiro fundo, mas não é o suficiente. Preciso sair daqui.

— Holly! — chama a minha irmã, se apressando para me alcançar.  
— Você está bem?

— Não. Não estou. Definitivamente não estou.

— Merda, isso é tudo culpa minha. Sinto muito, Holly. Pedi para você participar do podcast, você não queria, e eu praticamente forcei você, desculpa, é tudo culpa minha. Não surpreende que você estivesse evitando a Angela. Faz sentido agora. Desculpe mesmo.

De alguma forma, aquelas palavras me acalmam: não é minha culpa eu estar me sentindo assim. Isso aconteceu comigo. Não é minha culpa. Não é justo. Ciara oferece as suas condolências. Ela me

abraça, e apoio a cabeça no ombro dela, voltando a me sentir fraca, vulnerável e triste. Não gosto disso. Eu me interrompo, erguendo a cabeça com um estalo.

— Não.

— Não o quê?

Limpo o rosto com força e saio em direção ao carro.

— Eu não sou mais essa pessoa.

— Como assim? Holly, por favor, olha para mim — pede ela, tentando me encarar enquanto olho de um lado para outro, desesperada para colocar as coisas em foco, desesperada para mudar a minha perspectiva.

— Isso não vai acontecer comigo de novo. Vou voltar para a loja. Vou voltar para a minha vida.

A habilidade que descobri quando comecei a trabalhar com a minha irmã, depois que a revista em que eu trabalhava faliu, é que sou boa em organizar as coisas. Se a Ciara brilha quando está lidando com senso estético, arrumando a loja e colocando cada item em um lugar de destaque, eu ficaria feliz passando longos dias no estoque esvaziando caixas e sacos de lixo com as coisas que as pessoas não querem mais, como muitas vezes faço. Eu me perco nesse ritmo. Essas atividades são particularmente terapêuticas nos dias após o funeral de Angela Carberry. Esvazio tudo no chão, sento e começo a avaliar o que há nas bolsas, separando as preciosidades do lixo. Faço polimento nas joias até que elas brilhem, encero os sapatos. Tiro o pó de velhos livros. Descarto qualquer coisa que não é apropriada: roupas de baixo usadas, meias sem par, lenços velhos. Quando não estou ocupada demais, fico xeretando, me perdendo em notas e recibos, tentando identificar a última vez que aquele item foi usado, entender a vida do seu antigo dono. Faço uma lavagem rápida nas roupas, tiro os amassados com um vaporizador. Guardo tudo de